



A BANDA DE MOEBIUS, UM SÓ DISCURSO:

Análise crítica da dicção do sujeito literário de *Prosa do observatório*, de Julio Cortázar, e a da voz atribuída a Jesus de Nazaré, conforme evangelhos que ultrapassam o cânone

Regilson Santos dos Santos¹

Maurício Matos²

RESUMO

Júlio Cortázar, um dos grandes nomes da literatura latino-americana, utiliza o conceito da estrutura topológica Banda de Moebius na construção da *Prosa do observatório*. Este trabalho pretende analisar, a partir desse conceito, a identificação percebida entre a dicção do sujeito literário nesta e da fala atribuída a Jesus de Nazaré, tanto nos livros canônicos como nos não canônicos. Verificou-se a possibilidade de se formular uma equação de correspondência segundo a qual o *infinito* está para aquele, assim como *Deus Pai*, ou o *Paraíso post-mortem*, está para este e como essas posições aparentemente opostas se tornam uma quando o Jesus dos evangelhos apócrifos começa a falar, sendo esta a dobra do anel que torna os dois discursos em um só. Tal identidade (ou identificação) se dá, todavia, através do que se poderia chamar, vulgarmente, de *tom de voz*, sobretudo se considerada uma carga semântica considerável que pode derivar da intersecção entre a ideia de *infinito*, a de *Deus Pai* e a de *Paraíso post-mortem*, o lugar não físico do qual emanam seus enunciados e sua autoridade.

Palavras-chave: *Banda de Moebius; Prosa do observatório; evangelhos*

¹Aluno de Graduação em Letras da UEA.

²Prof. Adjunto do curso de Letras da UEA. Orientador

LISTA DE ABREVIACOES

Evangelho de Mateus – Mt

Evangelho de Lucas – Lc

Evangelho de João – Jo

Evangelho de Felipe – Ev. Fpe

Evangelho de Tomé – Ev. Tomé

O livro *Prosa do observatório*, publicado originalmente em língua espanhola em 1972, na França, consiste na descrição do ciclo das enguias, construída numa prosa poética com o auxílio de fotos do observatório do sultão Jai Singh, em Jaipur, Delhi na Índia, tiradas pelo próprio Cortázar em 1968.

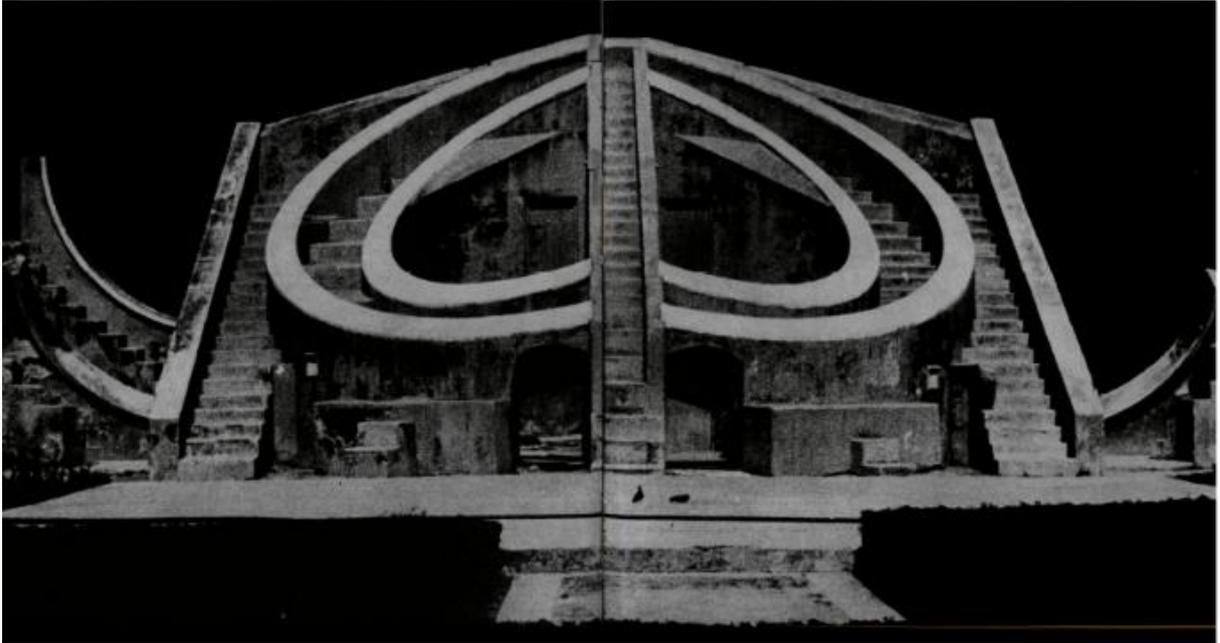


Figura 1, fonte: (Cortázar, 1974)

A obra consiste na captação de uma imagem total do mundo (p. 113) não fragmentado, baseada na Banda de Moebius, teoria que abarca tudo e todos e nos faz um com o universo. O ciclo de nascimento e morte das enguias (que gera outro nascimento) lembra um processo infinito e por isso metaforizado na Banda de Moebius, que é um objeto topológico criado em 1858 pelo matemático alemão August Ferdinand Möbius, cujas características adquiridas pela dobra na banda a transformam de bilateral em unilateral: enquanto cilindro apresenta duas faces, mas com a torção adquire um só lado, uma só face. Para pertinência deste trabalho, estuda-se o processo pelo qual dois discursos se tornam um, e, na questão espacial, a torção na Banda de Moebius faz com que o objeto possa representar o infinito conforme imagem

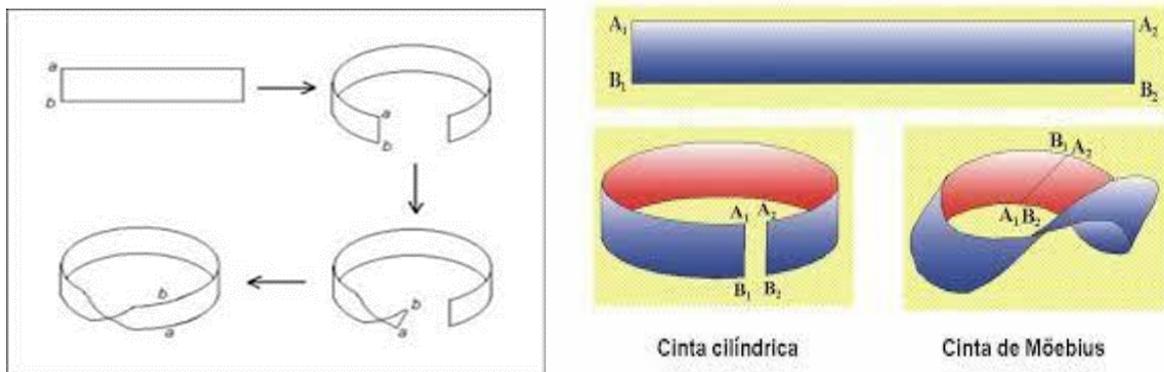
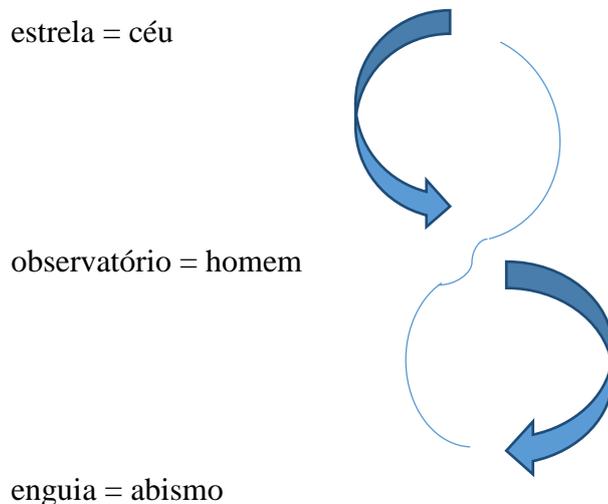


Figura 2, fonte: eltrasterodepalacio.com

Ao propor a imagem total do universo, Cortázar equipara a realidade abísmica na qual as enguias vivem, com a realidade astral na qual se classifica o número de estrelas e corpos celestes como infinitos. Dessa forma ele vai descrevendo o livro com base nesse mote: tudo se corresponde (p. 27). Para a ciência da imagem total a forma fragmentada como as coisas são postas no mundo, o binarismo, torna-se desnecessário “quando outra eclusa começa a se abrir [...] uma enguia que é uma estrela que é uma enguia que é uma estrela que é uma enguia.” (p. 17). Para que o processo seja concretizado é necessário que o homem ocupe “seu posto nessa jubilosa dança” (p. 113), porque, para Cortázar, o homem é “o inversor, o que torce a sorte, o volteador da realidade” (p. 59). É o homem enquanto observador que consegue unir as realidades e é exatamente por isso que o posto do qual Cortázar fala é exatamente o observatório de Jai Singh, que está no *entre lugar*, onde acontece a dobra na Banda de Moebius, onde as supostas realidades relativas são alteradas e comungadas em unidade absoluta



A partir desse conceito que consegue transformar o dual em unidade, conseguiu-se estabelecer, dadas as circunstâncias analisadas da enunciação do autor da obra, o paralelo que o identifica como um ser superior, pela forma como fala, um enunciado carregado de autoridade configurado em parábolas e o lugar de onde fala, que é o *entre lugar* (p. 11), onde as realidades paradoxais se confluem: o homem, como o ser de transição entre o mar e o céu, o dentro e o fora, o passageiro e o eterno – assim como Jesus de Nazaré o era quando, da

mesma forma, falava com autoridade (Mt 7:29), também de forma enigmática, e ocupava o lugar de transição, o Pai/infinito estava dentro e fora dele.

Enquanto o Jesus canônico, celibatário, virgem, infértil, ocupa-se das coisas celestes unicamente, Cortázar está mais preocupado com o mundano e, conseqüentemente, sua obra está repleta de erotismo. O que permite unir essas realidades antagônicas é a presença do outro Jesus, o dos evangelhos apócrifos, que, transitando nas duas realidades – terrena e celestes –, faz a mediação entre ambas, ou seja, é a dobra da Banda de Moebius que transforma os enunciados opostos porque distintos em um enunciado único porque absoluto “Eu vim tornar as realidades de baixo semelhantes às do alto, e as realidades de fora semelhantes às realidades de dentro. Vim reuni-las nesse Espaço-Templo [...]. É correto dizer que o dentro e o fora são um” *Ev. Fpe* (LELOUP, 2006, p. 105).

Jean-Yves Leloup, Ph.D em Psicologia, teólogo que traduziu e comentou os evangelhos apócrifos de *Tomé, Maria e Felipe* do Copta egípcio para o francês, além do *Evangelho de João* do grego para o francês, em sua tradução do *Evangelho de Tomé* classifica esse fenômeno como transição da realidade relativa para a realidade plena “A realidade relativa é que somos ‘macho e fêmea’. A realidade plena é que somos os dois” (LELOUP, 2012, p.10). Nesse movimento as realidades relativas, mesmo as mais paradoxais, passam a abranger a mesma imagem e, conseqüentemente, o mesmo discurso: cumpre-se a Banda de Moebius no *Jesus apócrifo* porque é este que está no *entre lugar*, não o *canônico*. Para que isso aconteça, o acesso do homem a esse lugar estratégico é necessário à evolução: *revolução*; primeiro “serpente negra de ida[...]” depois “serpente prateada de regresso, fecundação, desova e morte para outra vez serpente negra de ida [...] retorno dialético onde se cumpre o ritmo cósmico” (p. 93). Enquanto serpente negra de ida, que é quando as enguias em processo de crescimento tornam-se como que uma só nos assaltos à água doce, Jai Singh sobe a escada do observatório. Assim como as enguias saem da escuridão existente no fundo do oceano e emergem para a superfície onde as águas são mais claras, o sultão precisa subir os degraus para onde a atmosfera se mostra superior. A subida representa a atitude corajosa do homem de sair do comodismo e questionar a realidade na qual vive. Enquanto pessoas *cotidianas*, comuns, estamos na escuridão, a busca pelo Real é que nos torna excepcionais, é ela a subida nos degraus, a passagem da parte mais escura do oceano para as águas mais claras de superfície. Quando serpente prateada de volta, momento em que as enguias adultas fazem o processo contrário de regresso ao fundo do oceano, Jai Singh desce a escada e, assim como as enguias, volta transformado, já sem pretensões de uma nova mudança, haja vista que alcançaram o patamar no qual a metamorfose foi completa, ele já sem tanta preocupação com

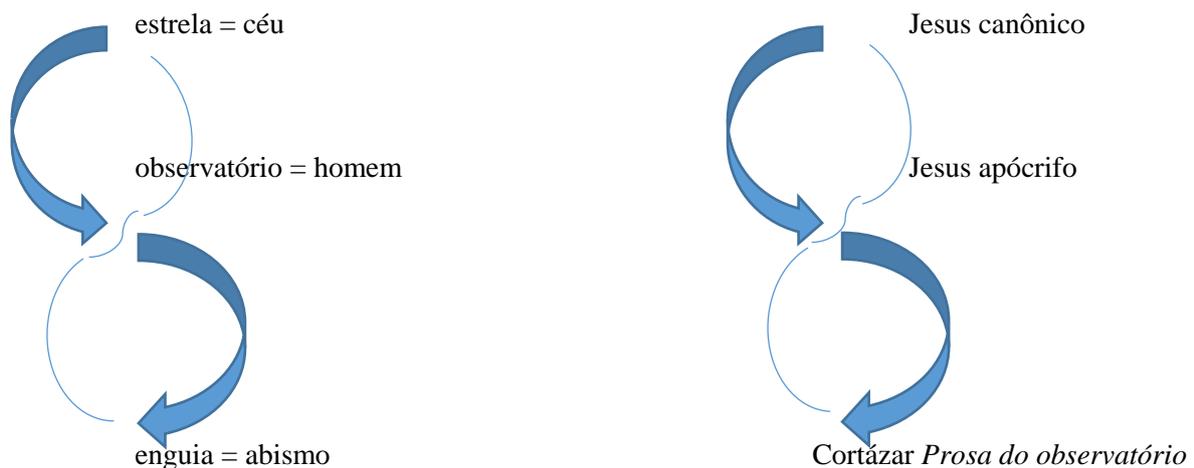
o cotidiano, pois a esfera superior na qual adentrou o fez participar de uma nova realidade, a eterna. O subir e descer os degraus do observatório representa as duas voltas da Banda de Moebius, o ritmo cósmico que Cortázar esclarece: “Aqui se pergunta pelo homem, embora se fale de enguias e de estrelas” (p. 65). É no homem que acontece a dobra da banda e, assim, não haverá de ser por acaso que a maioria das fotos que compõem o livro são das escadas do observatório, de subida e descida simultaneamente. Assim, Cortázar, de todas as formas, mostra que essa máquina de mármore, onde ocorre a evolução, é o *entre lugar*, fora do paradigma espaço-temporal comum: “essa maneira de estar entre, não por cima ou atrás, mas entre, essa hora orifício em que se acha acesso ao abrigo das outras horas [...] buraco na rede do tempo” (p. 11). E é desse lugar que Cortázar fala aos homens, e por estar neste lugar sobrenatural ele tem um tom carregado de autoridade. Do entre lugar, fora de qualquer paradigma espaço-tempo comum ele diz “compreenderás que, de calçadas ou cadeiras ou pavimentos de uma cidade, nada disso pode ser dito[...] só assim, cedendo-se enguia ou mármore, deixando-se anel [...] há percurso” p.15.

Essa maneira de trazer uma boa nova a partir dessas características propiciou a elaboração da equação do Anel de Moebius na qual os enunciados de Cortázar na *Prosa do observatório* mostram-se semelhantes aos atribuídos a Jesus de Nazaré, tanto no *Novo Testamento* como nos evangelhos apócrifos, e outras obras literárias como o *Evangelho segundo Jesus Cristo* de Saramago, por exemplo. A forma como se dá a presença do homem na língua segundo os postulados de Benveniste (1988-1989) é idêntica: segundo o autor, o momento da enunciação estabelece as instâncias enunciativas do eu, do aqui e do agora; dessa forma, segundo essa teoria, os sujeitos são os mesmos, todos sobrenaturais ao paradigma espaço-temporal em que estejam circunscritos, falantes do eterno e do infinito, ou seja, sempre do mesmo *lugar*, muito embora suas vozes, conforme os enunciados, possam parecer ecoar de lugares diametralmente opostos. Segundo a teoria da Banda de Moebius, podemos dizer que, enquanto o Jesus *canônico* (ou *cristão*, sobretudo *católico*) está na *volta superior* ou, conforme o esquema, no céu representado pelos astros, Cortázar estaria no abismo representado pelas enguias, ou seja, na *volta inferior*. Desta forma, a dobra do anel ocorrerá quando o Jesus dos evangelhos apócrifos proferir o verbo, com *v* minúsculo mesmo, mas, nem por isso, menos importante.

Eram três os que caminhavam sempre com o Mestre, Maria, sua mãe, a irmã de sua mãe e Miryam de Mágdala (Maria Madalena) que é conhecida como sua companheira, porque Miryam é para Ele uma irmã, uma mãe e uma esposa.

O mestre amava Miryam mais que a todos os discípulos, e beijava-a frequentemente na boca. *Ev. Fpe* (LELOUP, 2006, p. 71, 89).

Isso se dava, segundo o estudioso francês porque “o corpo que falava era também um corpo que amava, e amava não de maneira platônica ou grega, mas com toda a presença sensual e psíquica do humano ‘bíblico’” (p.11). Dessa forma



Deve-se ter em mente que qualquer dos três personagens, se analisados isoladamente em seus discursos, quanto ao lugar de onde falam estariam no meio, na dobra da banda, segundo a primeira imagem, porque enquanto Cortázar se diz estar no *entre lugar*, no encontro dialético “de dentro para fora e de fora para dentro” (p. 97), Jesus ostenta o Pai/infinito dentro e fora de si, ou seja, a capacidade de conter o infinito. A segunda imagem que trata dos três representados simultaneamente reflete apenas a posição enquanto materialização dos discursos quando comparados entre si; têm características enunciativas díspares enquanto partem de abordagens diferentes mas que no final se complementam em unidade segundo a teoria da Banda de Moebius, que não aceita a imagem fragmentada, o discurso dual porque, segundo Jesus apócrifo

Luz e trevas, vida e morte, direita e esquerda, são irmãos e irmãs.
São inseparáveis.
Por isso, a bondade não é apenas boa,
a violência violenta a vida apenas vivificante.
a morte apenas mortal... (*Evangelho de Felipe*,LELOUP, 2006, p. 23)

Ambos os enunciadores tratam do infinito, colocam-se como um ser parte do grande Ser que sustentaria o processo, ou seja, o próprio infinito com suas implicaturas de eternidade. É desse *lugar* que convocam o homem a “se alçar nu e livre e assomar ao aberto, ao lugar do homem na hora da sua verdadeira revolução de dentro para fora e de fora para dentro” (CORTÁZAR, 1974, p. 97), lugar este onde eles mesmos estão. Só é possível o acesso quando o processo é simultâneo dentro e fora do homem. O personagem Jesus, apesar de sugerir que o Pai está nos Céus (Mt 12: 50; Lc 11: 2), também decreta que o Pai está nele e, ao mesmo tempo, ele no Pai: “ Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? [...] Crede-me que estou no Pai, e que o Pai está em mim;” (Jo 14: 10-11) ou seja, ele já assomou ao aberto e alcançou sua revolução, o Pai está dentro e fora dele ao mesmo tempo “o Reino está dentro de vós e, também, fora de vós” *Ev. Tomé* (LELOUP, 2012, p. 15) e é para essa experiência que ambos os enunciadores convocam seus ouvintes, às vezes utilizando de parábolas, linguagem pertinente àqueles que estão numa esfera superior e não almejam falar a língua comum dos homens, enquanto para Jesus os homens são os pintos que não atentam para o apelo salvador da galinha mãe (Mt 23:37) e também o trigo e o joio (Lc 13:34), para Cortázar os homens são as enguias.

Ambos admitem que no processo há um preço a pagar. Os evangelhos narram a morte de Jesus pelas mãos de uma sociedade que não o compreende, porque pertence a outra esfera, o que torna demasiado difícil para os homens cotidianos, que não se abrem para o entendimento. Cortázar esclarece que aquele que assume tal posição de autoridade por ter ascendido ao aberto está sujeito a tais consequências: “os poucos que a ela assomarem perecerão em tanto pelourinho, com suas peles se farão lâmpadas e de suas línguas se arrancarão confissões” (p. 95). “Os poucos” como Cortázar descreve se encerram na máxima dita por Jesus de que “muitos são os chamados mas poucos os escolhidos” (Mt 22:14), donde os chamados serão os que leem a *Prosa do Observatório* e não a compreendem, assim como os escolhidos serão aqueles que atendem ao chamado e compreendem a mensagem codificada, aqueles que, para tanto, precisarão ter um ouvido atento e sensível assim como foi com o primeiro Messias celeste. A vantagem de ser um escolhido é que este não provará morte, ou melhor, só a conhecerá na matéria

Disse Jesus:
 Aquele que procura,
 continue sempre em busca até que tenha encontrado;
 e quando tiver encontrado,
 sentir-se-á perturbado;

sentindo-se perturbado, ficará maravilhado,
e reinará sobre tudo *Ev. Tomé* (LELOUP, 2012, p. 15)

Nos evangelhos canônicos, Jesus confirma que o Reino é eterno e que ele mesmo se propõe a dá-lo ou ser uma ponte pela qual se chega ao Reino, como na passagem da mulher samaritana, onde se lê: “Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.” (Jo 4:13-14). Ele mesmo explica que essa água de que trata não é a conhecida na realidade relativa mas a da realidade plena, a que mata a sede de uma vez. Jesus não tinha água no estado natural ou físico propriamente para dar, mas ele mesmo era a água viva que se doava para que aquela mulher o bebesse através da audição de seu enunciado e assomasse ao aberto. Quando se tem autoridade para tal feito é porque a vida eterna já é conhecida pelo enunciador que está no infinito. Cortázar também indica o mesmo caminho “Jai Singh sabe que a sede que se sacia com água voltará a atormentá-lo, Jai Singh sabe que somente sendo a água deixará de ter sede.” (p.75). Cortázar também é a água e por isso menospreza a morte que só afetará seu estado natural: ele a despoja “de seu traje de culpas e de dívidas” (p. 97) porque somos enguias e nosso ciclo, assim como o delas, está traçado nesse eterno nascer, morrer para nascer outra vez. Adquirimos uma eternidade no infinito enquanto assomamos ao aberto.

Ambos falam do mesmo lugar, o que os coloca em voltas opostas do anel quando em comparação é o fato de terem alcançado o infinito em si e fora de si em formas distintas. Para Cortázar o homem assoma ao aberto, ao infinito, pelo gozo pleno de sua realização, sobretudo a sexual, e questiona o homem que vive de véspera ou não pleno de satisfação em todos os sentidos. Segundo o autor é necessário o conhecimento da “ciência da imagem total, salto da véspera ao presente, do escravo astrológico ao homem que, de pé, dialoga com os astros” (p. 113), ou seja, o homem não mais se prostra pra um deus porque ele mesmo se torna um deus “eu e o Pai somos um” (Jo 10:30), “Se conhecer o Sopro, você será o Sopro, se vir o Cristo, você se torna o Cristo, se vir o Pai, se torna o Pai.” *Ev. Fpe* (LELOUP, 2006, p.81) no *Evangelho de Tomé* o autor continua “‘seria necessário ser profeta para compreender os profetas’, dizia São Gregório Magno. Poeta para compreender os poetas... E para compreender Jesus, seria necessário ser o que?’” (p. 11). A resposta é óbvia, só *um* Jesus para compreender *outro* Jesus, e Cortázar o é, só que na margem oposta da banda que no Jesus apócrifo se tornará uma só se enlaçando no anel.

O Jesus canônico, cujo monofisismo reconhece apenas a natureza divina em detrimento da humana, é para Cortázar o reflexo do estado do homem de véspera. O próprio Jesus apócrifo, fazendo jus à sua posição de dobra da banda determina: “O homem não tem que se afastar do mal nem fixar-se no bem. Quando foi dito: ‘Coma disto, não coma daquilo’, aí originou-se sua morte (*do homem*)” *Ev. Fpe*, itálico nosso (LELOUP, 2006, p. 131). Cortázar refutando a tradição religiosa, no mito de Diana e Acteão, na outra face da banda é o reverso:

Acteão sobreviverá e voltará à caça até o dia em que encontrar Diana e a possuir sob as frondes, arrebatando-lhe uma virgindade que já nenhum clamor defende, Diana a história do homem relegado e anulado, Diana a história inimiga com seus cães de tradição e mandamento, com seu espelho de ideias recebidas que projeta no futuro as mesmas presas e a mesma baba, e que o caçador estraçalhará como estraçalha sua donzelice despótica para se alçar nu e livre e assomar ao aberto (CORTÁZAR, 1974, p. 97)

Assomar ao aberto é o passo fundamental para que o processo de transformação aconteça. Assim como o Jesus canônico promete a vida eterna àqueles que derem ouvido à sua voz, haja vista que ele está no Pai e o Pai nele, Cortázar também lança o convite sendo o Messias às avessas, que tenta fazer as pessoas acordarem da farsa das realidades relativas para tomar posição no *entre lugar* de onde possam experimentar a realidade absoluta, o infinito em si e fora de si que garante *lugar* no espaço superior, eterno e infinito.

Toda evolução é um retorno, um retorno que não é uma regressão. Retorno não quer dizer retorno para trás, mas retorno para “Adiante”, retorno a este lugar que é nossa origem e nosso fim, nosso alfa e nosso ômega; este lugar que é “fora do tempo”. (LELOUP, 2012, p. 39)

A autoridade que Cortázar reclama é aquela que só é possível quando se está fora do tempo comum dos homens, mas no tempo eterno e infinito dos deuses. Dessa forma, ele se torna um igual e por isso fala com intimidade de mesma espécie assim como fala de Baudelaire, Jai Singh, Johannes Schmidt etc. A voz que propaga o infinito é uma voz *toda-poderosa*. Jesus, quando fala com a mulher no poço de Jacó, fala do lugar onde ele está, ele está no Pai e o Pai está nele. Por isso quem fala dessa posição fala com autoridade, e essa autoridade Cortazar demonstra possuir até mesmo ao falar cifradamente como parábolas para que os chamados e escolhidos possam entender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. Ferreira. Revista e atualizada. *Bíblia de Estudo Plenitude*. Barueri – SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2002.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Tradução de Celina Cavalcante Falck-Cook. São Paulo: Arqueiro, 2012.

CORTÁZAR, Júlio. *Prosa do observatório*. Trad. Davi Arrigucci Júnior: fotos – Júlio Cortázar. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA J, et al. *A Teoria de Benveniste sobre a personalidade e seus desdobramentos na enunciação infantil*. In: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/26392>. 2015.

LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de Felipe*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. *O Evangelho de Maria (Miryam de Mágdala)*. Tradução de Lise Mary Alves de Lima. 11ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.